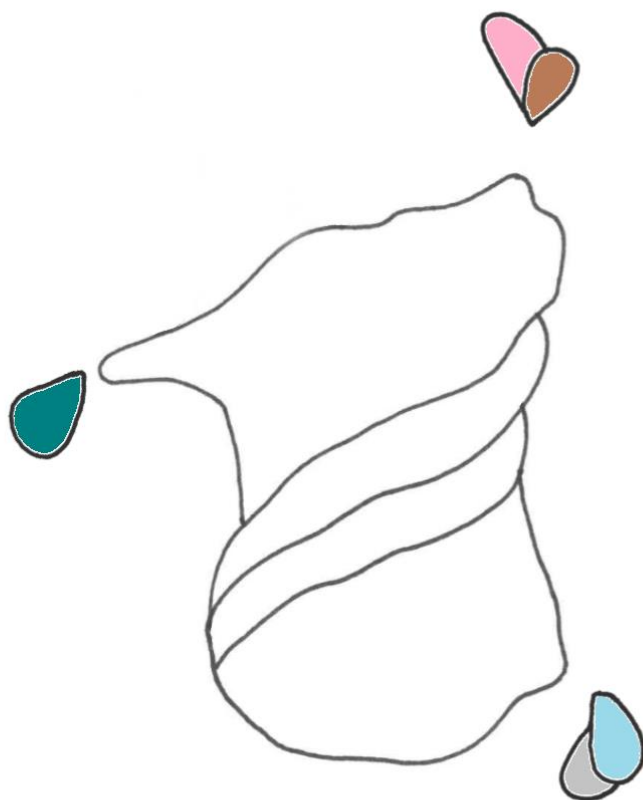
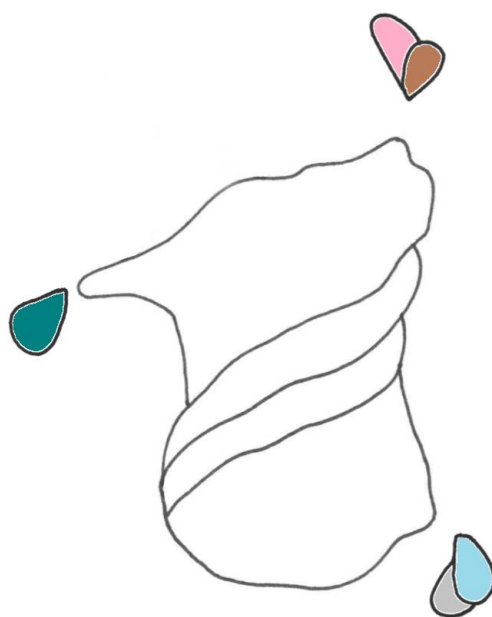


Os Sapatos

Patrícia Pereira





Título: Os Sapatos
Autora: Patrícia Pereira
Ano de criação: 2012

This work is licensed under a
[Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

I

O Sapateiro acabava de lançar o seu novo par de sapatos, um sapato que sabia capaz de resistir às sempre renováveis tendências do vestir, que obrigavam os senhores e principalmente as senhoras a comprar pares e pares de sapatos, que serviam os seus belos conjuntos de roupa até estes conjuntos serem ultrapassados por uma nova tendência, e se ultrapassarem com estes os sapatos, que se mostravam inúteis sempre que substituídos por outros, e cada vez mais inúteis com o passar do tempo e das tendências.

No que toca a sapatos para menores, a história também se aplica - as crianças queriam-se belas flores sempre com um sapatinho novo de cristal, se o dinheiro abundasse e chegasse para isso, ou pequenos mas nobres e honrados cavalheiros, sempre bem armados nos pés.

O saber do Sapateiro, empenhado em agradar os gostos instáveis dos senhores, senhoras e mimosos benjamins da sua cidade dizia-lhe que chegara a altura de fabricar um sapato que servisse a qualquer alminha, por mais extravagante que fosse, um sapato que caísse bem em qualquer pé e fosse de acordo com qualquer tendência.

Sabia que este seu novo sapato era uma obra intemporal, que seria calçada pelos pequenos pés das crianças ao longo dos anos e nunca seria despropositado acompanhar qualquer conjunto de dia-a-dia com este sapato.

Tratava-se de um simples sapato, castanho-claro, com um laço de cordel para não se desprender dos pés.

No dia da apresentação do sapato ao público, o Sapateiro sentia-se confiante.

Acordara vigoroso, coisa que já não acontecia há alguns anos. Tinha uma terrível doença hereditária dos pulmões, que o atormentara durante as últimas décadas e ameaçava acabar com ele, que mal se podia vangloriar de ter chegado a metade dum século de vida.

Assistira à morte da mãe, no ano passado, vencida pela mesma doença que o atormentava, e o seu irmão mais novo, que fora para a guerra de 14-18 morrera em campo não nos braços do inimigo mas consumido por um ataque brutal de tosse, provocado por essa doença, aliada à poeira provocada pelos combatentes e cavalos que levantavam a areia no campo de batalha.

Se o seu irmão estivesse vivo, completaria naquele dia 40 anos, e de certo iria com ele apresentar o sapato, para o qual teria contribuído com todo o carinho e devoção. Aliás, tinha sido ideia do irmão continuar com a sapataria após a morte do pai, e tal ideia tinha sido claramente expressa, quase como que um juramento de retorno, antes de ter partido para a guerra, razão pela qual o próprio Sapateiro não conseguira desfazer-se da sapataria, mesmo após a morte confirmada do irmão.

A verdade é que com o passar do anos, após muitos sapatos de senhores e senhoras lhe terem passado pelas mãos, acabou por gostar realmente do que fazia, de embelezar os pés da cidade e agradar os seus donos.

A sapataria, que já pertencera também a seu pai e ao seu avô, tornara-se numa das mais procuradas da cidade, que até inimigos da Alemanha recebia, sempre a par das novas criações do Sapateiro.

Este amor que desenvolvera ao longo dos anos pelo seu ofício levou-o a criar o sapato que sabia ser um sucesso, e que em muito ajudaria a sua cidade, que naquele tempo mal tinha dinheiro para comer, quanto mais para comprar pares de sapatos novos todas as estações. A população vivia muito mal desde que começara uma nova guerra, e a maior parte dos alimentos produzidos naquela cidade eram mandados para a capital.

O Sapateiro sentia-se abençoado por ter conseguido manter a sapataria e os seus sapatos, que eram tudo o que tinha.

Saiu de casa bem cedo. O lançamento do sapato estava marcado para as seis da tarde, por isso tinha muito tempo ao seu dispor, que poderia dedicar à preparação da sapataria para aquela ocasião, que na sua opinião não iria ficar à altura da obra a lançar mas serviria, dada a época de contenção em que se encontravam.

Faltavam dois minutos para as seis da tarde e a sapataria estava cheia. Tinha ficado esplendorosamente arranjada, com arranjos florais e decorações belíssimas, algo que não era visto desde o rebentar da guerra.

O público ansiava por ver o tão aclamado sapato, montes de olhares curiosos pairavam sobre a manta cor de creme que cobria os dois sapatinhos, dos quais se conseguia distinguir o perfil de um sapato leve e confortável.

Quando o pano foi levantado o público não sabia como reagir. Só se ouviram “Oh”s e o Sapateiro também não teve reacção.

Passados uns segundos a sapataria ressoava numa tremenda ovação aos sapatos e ao Sapateiro, parece que tinha corrido bastante bem.

Mais aliviado, foi apanhar ar mal pode sair da sapataria.

O público, deleitado, aproximava-se para observar de perto os sapatos e cada vez se apinhava mais gente à volta, atraída pelo burburinho que se gerava.

O Sapateiro passeava pela rua, observando o pôr-do-sol atrás da cidade. Um par de mãos dadas corria em direcção à sapataria, a senhora com um jornal sobre a cabeça, pois avizinhava-se uma chuva ligeira.

Sentia-se atordoadado, mas realizado e uma calma de espírito invadiu-lhe a mente.

Uma flor pairou-lhe sobre o nariz.

O Sapateiro, sorrindo, amaldiçoou alegremente a flor que sabia causar-lhe espirros e tosse durante os próximos cinco minutos.

Sacudiu a flor, agarrando-a depois pela mão, e desatou num ataque de tosse alérgico.

Passados cinco minutos encontrava-se chão, caído no passeio. Da sua mão imóvel soltava-se a flor, maldita, que numa rajada de vento levava o seu riso e a vida de um velho sapateiro.

Um estrondo ouviu-se por toda a cidade.

O chão tremera por instantes e a França sofria com os seus habitantes, que viam as suas casas, amigos e vidas a serem levadas numa fracção de tempo, por uma flecha vinda do ar, que ao embater na terra destruíra tudo num clarão explosivo.

A sapataria, que estava perto do alvo a abater, uma fábrica de armamento militar, não resistira, e com esta desapareciam os empregados do Sapateiro, os seus sapatos, e todos os curiosos que se deleitavam em torno da nova notícia.

II

Os sapatos de cordel voaram pelos ares, tal era a magnitude da explosão, e quando embateram em solo firme encontravam-se num jardim, belo, harmonioso e pacífico, bastante longe do local onde ficaram as casas destruídas, as pessoas mortas e para onde o olhar de França se dirigia.

Viram-se enterrados num pequeno canteiro de rosas, onde pequenos botões desabrochavam das sementes, exibindo já o seu vermelho vivo. Ouviam-se vozes de crianças e saltos de crianças, que animavam o jardim, trauteando pela relva com os pezinhos descalços.

Uma criança aproximou-se dos sapatos e pôs-se a falar com eles, como que brincando.

“Que sujos e poeirentos sapatos, parecem ser do meu tamanho. Posso levá-los para casa, limpar-vos e depois deixam que eu vos calce?”

Na falta de resposta, a criança deduziu que sim.

Pegou com cuidado nos sapatos, pelos cordéis, e encaminhou-se para casa.

Poisou-os no chão do quarto. Trazia um balde cheio de água e sabão, e pôs-se a esfregá-los.

Os sapatos libertaram-se da sua cor cinzenta e lamacenta, exibindo um castanho aveludado claro, e a criança pendurou-os à janela, para os secar, e pôs-se a falar com eles.

“Afinal são bonitinhos.”

Os sapatos responderam abanando-se ao som do vento, exibindo o seu castanho macio, que se libertava das gotas de água que pingavam para o chão.

“Como é que chegaram até ao jardim?”

Os sapatos dançavam com as correntes de ar, para deleito da criança e de todos os que passavam debaixo da sua janela. De certo melhor que falarem, de dizerem que tinham sido atingidos por uma explosão, e tinham sido projectados como que um míssil, observando atrás de si a destruição que levava consigo ruínas e mortes sucessivas.

Tal declaração seria também desnecessária pois a criança já notara na destruição, ou melhor, notava ao longe uns fumos cinzentos que estorvavam a paisagem. Trouxe os sapatos para dentro, fechando atrás destes a janela.

Caíram todos num silêncio. A criança dormia profundamente e os sapatos também.

Numa fracção de tempo desaparecera o Sapateiro, a sapataria, e os sapatos que representavam o sonho que um sapateiro tinha de ajudar uma cidade inteira, agora devassada num pesadelo de guerra. Enterravam-se num canteiro os sapatos, com terra e rosas, e todos os que os tinham visto perdiam a vida, enterrando para sempre este sonho no esquecimento.

Noutra fracção, ligeiramente maior, os sapatos eram encontrados numa outra cidade, por uma criança que os trazia de volta, do esquecimento.

III

Na manhã seguinte a criança levantara-se cedo. Abria a janela, e logo entrava o sol, fazendo radiar dos sapatos um castanho quente que contrastava com o frio de alvorada que sentia dos vidros. Os fumos que estorvavam a paisagem no dia anterior tinham desaparecido.

Os sapatos pendiam no seu castanho imaculado e cheiravam deliciosamente a sabão.

“Que bela manhã.”

A criança calçava os seus novos sapatos religiosamente, enlaçando com cuidado os cordéis e olhava os seus pés, magníficos e castanhos, que discretamente condiziam com a roupinha de escola.

Desceu para tomar o pequeno almoço com o irmão, os seus pais já tinham saído para o trabalho como de costume.

O irmão, um jovem muito belo que estava sentado muito direito na cadeira, lia um jornal com figurinhas de tanques e soldados, que discretamente escondeu debaixo da toalha de mesa, logo que a criança apareceu. Desviando a sua atenção ao exhibir o seu simpático sorriso de bom dia, aninhou-a no seu colo e olhou-a seriamente, preparando-se para dizer algo também sério.

Começou a falar de uma grande viagem, que lhe afastaria de casa por uns tempos, e depois jurava que voltaria prontamente para a encher de beijinhos e contar as histórias todas.

Um discurso um pouco premeditado e pouco esclarecedor.

“Posso ir contigo?”

“Não vale a pena.”

“Porquê?”

O irmão, disfarçando o nó da garganta que lhe prendia a voz trémula só conseguiu balbuciar que a viagem iria ser muito aborrecida e não valeria a pena ir, ele depois voltaria para contar como tinha sido.

O irmão costumava omitir muitas coisas quando lhe falava.

“Quando é que voltas?”

“Talvez... daqui a uns tempos.”

“Daqui a um mês?”

“Talvez.”

Dito isto vestiu um casaco verde, que condizia com o verde de todas as suas roupas desse dia e pondo um estranho chapéu verde, deu-lhe um longo beijinho na testa e saiu sem olhar para trás.

“Boa viagem!”

A criança, curiosa, foi buscar o jornal de debaixo da toalha de mesa e viu a fotografia de um homem vestido como o irmão na primeira página, a sair de um avião em chamas, acompanhada de uma frase que não percebia mas que parecia fantástica, sublinhada e a letra carregada.

“O meu irmão apareceu num jornal! Está com vergonha de ser famoso.” E desatou a rir, imaginando o filme de aventuras em que figuraria, empolgada por ter descoberto o segredo do irmão.

Comeu a tosta mista esquecida no prato do irmão, da qual apenas faltavam duas dentadas de menino sem fome, e nem se deu ao trabalho de ir aquecer o leite, porque o irmão mal tinha tocado no

seu, a colher estava ainda imaculada, poisada ao lado da chávena, e o pacote de açúcar não tinha sido aberto.

Ao acabar o pequeno almoço pôs a mochila às costas e caminhou para escola com os seus sapatos novos, atirando um adeus à ama ao passar pelo jardim, que fungava, tentando esconder as lágrimas tristes que lhe escorriam pela face.

“Pobre ama, deve já estar com saudades do meu irmão.”

A criança sabia que a ama gostava muito do irmão, pois tinha visto os dois no jardim, apaixonados, enquanto comiam um piquenique muito juntinhos na toalha.

Alegremente caminhava pelas ruas sobre os seus sapatos, que se acomodavam perfeitamente aos pés, e alegremente saltitava ao ver que não ofereciam resistência ao correr e aos movimentos dos dedos.

Na sala de aula, pensava para os seus sapatos, perguntava-lhes as respostas das contas e das letras e acreditava que a resposta que lhe surgia na mente devia-se a eles.

No recreio, as outras crianças gostavam muito dos sapatos e pediam para experimentar muitas vezes, mas a criança não deixava, aqueles sapatos eram só dela.

Quando chegou a casa, após ter jantado fora com a ama, que não conseguia cozinhar e passara o tempo a apertar a criança contra as suas lágrimas sofridas, subiu para o quarto e pendurou os sapatos à janela, antes de vestir a roupa de dormir.

No frio da noite o seu castanho revelava-se escuro e sóbrio, ameaçador para quem da rua tentasse olhar por trás dos vidros por onde se podia espreitar a criança a dormir profundamente.

IV

Todos os dias a criança abria a janela de manhã para apreciar o castanho dos sapatos ao sol, calçá-los religiosamente dentro do quarto e descer para tomar o pequeno almoço sozinha, enquanto a ama fungava com saudades do irmão. Um mês se passara e a ama já não fungava tanto mas a criança começava a perguntar-se quando é que este voltaria.

Naquele dia, uma carta chegara logo de manhã cedo, antes dos pais terem saído para o trabalho. O carteiro entregava-a de cabeça baixa, a sua mão tremia. Vinha da capital.

Uma nota citava a criança como primeira destinatária.

Esperavam todos na sala, os três de cabeça baixa, a ama apertava as mãos contra o peito, e entregaram a carta à criança, que pôs-se a ler o envelope no seu tom miudinho, de quem triunfava ao decifrar uma palavra, mal aprendera a ler.

“Ca-tor-ze-de-ju-nho-de-um-nove-quatro-zero-pa-ris-fran-ça”

“Abre” – a mãe agarrava-se ao pai, num choro descontido.

A criança, assustada com o clima que se gerava na sala, abriu a carta e lia, trémula:

“Es-cre-vo-pa-ra-te-con-tar-a-mi-nha-vi-a-gem, pois temo esquecer-me dela quando vol-tar.

Para minha grande sorte, tenho sido-a-gra-çi-a-do pelo bom tempo e pelo sol que me acompanha nesta jornada.

Diz ao papá, à mamã e à tua que-ri-da ama que não têm motivos para se preocuparem comigo, pois a viagem tem corrido

tranquilamente e fico sempre com boas memórias dos sítios por onde passo.”

As lágrimas estagnaram nos olhos confusos da mãe.

“Passei pela capital, vi as-bel-as montras de que tanto se gabam nos jornais em primeira página, comi um crepe de chocolate na rua, comprado àqueles vendedores ambulantes, delicioso!”

Os dedinhos dentro dos sapatos castanhos mexiam-se empolgados e a criança, absorvida pela carta do irmão, lia fluentemente, embalando os pais e a ama que subiam as cabeças, confusos.

“Viajei de carro pela França e vi as belas paisagens rurais do interior, conheci as pessoas simpáticas que as habitavam e saboreei o mais doce sol à sombra das árvores frondosas que crescem naturalmente nas florestas.

Atravessei a fronteira que nos divide da Alemanha e tive a oportunidade de visitar este belo país, muito verde mesmo nas cidades.”

Os pais e a ama ficavam cada vês mais confusos.

“Depois deste agradável começo viajei pela Europa e fui extremamente bem acolhido pelo sol e praias do sul, agraciado pelas ruínas clássicas na Grécia e pelas magníficas igrejas e monumentos italianos.

Resisti ao frio dos países do norte e espero visitar a Rússia no Inverno, para poder apreciar a brancura da neve, deitado no gelo infinito acompanhado de um chocolate quente.

Viajei também pela Ásia, embrulhei-me nas belas tapeçarias indianas, sobrevoei as montanhas do Tibete, visitei os místicos templos do oriente e caminhei sobre a muralha da China.”

“Uau!”

“Sobrevoei o pacífico e conheci a grande América, vi os índios envergando os seus belos trajes e as cabanas no meio da floresta, os pretos a lutar pela liberdade que não lhes era concedida pelos brancos nas cidades e percorri o continente até ao sul, para estar mais perto de África, onde o calor descontra e obriga a andar de chapéu e fazer muitas paragens, coisa que os locais não necessitam, pois têm um corpo escuro e um bom físico, adaptado ao clima em que vivem.

Esta viagem tem sido um dom, e mesmo esta descrição fantástica não consegue igualar a beleza e grandiosidade de tudo o que vi.

Espero voltar em breve, e envio nesta carta as saudades que tenho de ti, dos papás, da tua querida ama e dos amigos que deixei na cidade.

Agora resta-me continuar a minha caminhada e percorrer o resto do mundo, que muitas coisas belas me tem mostrado, na certeza de que vocês estão todos bem.

Até breve!”

Os olhos da criança brilhavam, maravilhados com os sítios longínquos que o irmão descrevia.

O envelope continha ainda uma florzinha seca que o irmão colhera durante a viagem, tal como uma fotografia do irmão, sorridente dentro das suas roupas verdes.

Desenhos e recortes de jornais ilustravam a carta, com esboços do coliseu e ruínas clássicas, templos ancestrais do oriente e rostos de índios, de brancos e de pretos.

“Uau!”

A criança colou a fotografia do irmão no quarto, antes de ir para a escola.

Na manhã seguinte chegava outra carta antes dos pais terem saído para o trabalho, mas não esperaram pela criança para o abrir. Uma nota expressa no envelope dizia que não a lessem à criança. A mãe, ao abrir a carta, caiu de joelhos no chão, a chorar, e o pai foi se abraçar à mãe; a ama viu a sua vida destruída no sofá onde se sentava.

Passaram-se dias com a criança todas as manhãs alegre nos seus sapatos, maravilhada com a viagem do irmão, a repetir eloquentemente as descrições dos índios e dos pretos ao pequeno almoço, enquanto a ama, sempre de preto, fungava enquanto limpava os móveis.

V

Numa fria manhã, os sapatos pendiam da janela, esperando que a criança os fosse calçar.

A criança já não os ia buscar há alguns dias, e não aparecia de manhã para abrir a janela nem à noite para a fechar. Aliás, já não se via abrir nenhuma janela daquela casa há algum tempo.

A família mudara-se, tal como a maior parte dos vizinhos, que fugiam à guerra que ameaçava a cidade, no seu esplendor destrutivo.

Apenas alguns transeuntes, que passavam apressados, fugindo também, animavam a rua que caía num sono profundo, numa moleza de dia e de noite.

Os sapatos pendiam imóveis, por entre a moleza e as fugas, como que condenados a ficar ali eternamente, à janela, no meio de uma rua deserta, a olhar para o mesmo passeio que cada vez menos gente pisava.

Mas naquela manhã, um andar organizado e compassado ressoava nas paredes das casas.

Os sapatos tremiam ao som deste ritmo, que se impunha pelas ruas.

Uma enchente de homens caminhava pela estrada, cujo alcatrão escuro e sóbrio condizia com as expressões graves que se liam nas suas faces.

Era a França, que amargamente se defendia.

Aproximavam-se da rua onde pendiam os sapatos, que tremiam cada vez mais, e pararam.

Um silêncio agonizante espalhou-se por toda a rua.

Pálidas, estavam as caras dos homens, assaltadas pelo vazio que o silêncio destapava.

Da outra ponta, a rua tremia mais uma vez, o alcatrão ameaçava criar brechas no meio da estrada.

Outra enchente de homens avançava, e a primeira, que se erguera do seu silêncio, avançava contra a outra.

Quando as enchentes se encontraram, fogo, cinzas e sangue foram cuspidos para o ar, as enchentes misturavam-se, e mais fogo, cinzas e sangue se cuspiam, a moleza da rua era violentamente sacudida por um tremor infernal.

Gritos abafados por estrondos ensurdecedores sacudiam violentamente as estradas, as fachadas das casas, e os sapatos.

Este terramoto durou dias. A rua acordara nas trevas, no meio daquela cidade adormecida, e muitos homens adormeciam profundamente no calor do inferno.

Só uma noite abafara todo aquele terramoto. Os homens que não dormiam avançaram, deixando a rua e os adormecidos no chão por entre o sangue e as cinzas.

E os sapatos, cinzentos, sujos, pendiam da janela, saídos resistentes do seu castigo.

VI

Durante meses a rua permanecera deserta, habitada apenas pelos adormecidos na estrada.

Lentamente, iam chegando outros homens, que recolhiam os que dormiam, para depois recolher os destroços deixados pelo tremor e organizar o que outros homens tinham sacudido.

As casas tinham-se danificado, a estrada, cortada em pedaços, e apenas uma fachada donde pendia um sapato cinzento resistira, defendendo a casa que protegia.

A rua, fria após uma longa noite, era gradualmente aquecida pelos homens.

A vida voltava lentamente a aflorar; após cinco anos, acabaram as guerras em todas as cidades.

VII

Após uma década vivendo sob a escura sombra da guerra, a criança regressava a casa.

A casa entristecera, mas permanecera como deixada, a chaleira no lume apagado e as chávenas de leite cheias deixadas em cima da mesa, apenas mais frias.

A criança, que já não era criança, subiu ao quarto e chorou perante a fotografia do irmão, sorridente na sua viagem, mais bela na descrição do que na realidade.

Os sapatos balançavam à janela, exibindo o seu cinzento queimado ao sol e à chuva, numa triste dança com as correntes de ar.

A criança pegou num balde cheio de água e sabão e pôs-se a lavar os sapatos.

Os sapatos não se libertavam da sua cor cinzenta e lamacenta, nem exibiam um castanho claro aveludado. A criança pendurou-os à janela para os secar.

Não falou com eles. Os sapatos libertavam-se das gotas de água cinzentas que pingavam para o passeio, que entristeciam todos os que por este passavam. A criança chorava.

A casa, triste, chorava com ela lágrimas cinzentas pelo canto da janela.

Apenas um sorriso numa fotografia não chorava naquela casa. Era o sorriso do irmão.

O sorriso que escondera por detrás uma doce mentira, que escondera durante anos uma verdade cruel.

E o sorriso que protegera a inocência de uma criança.

XVIII

A criança decidiu fazer uma viagem.

Decidiu fazer a viagem que o irmão nunca fizera e tão bem retratara em desenhos e recortes de jornais.

Pegou nos seus sapatos, embrulhou-os num lenço e partiu, em busca das belas paisagens e belos homens que o irmão descrevera.

Mas em vez de beleza nas paisagens e nos homens, a criança viu o horror das cidades destruídas, dos homens maus e adormecidos.

Eram poucas as belas cidades, e poucos os bons homens, mas a criança e os sapatos acreditavam que todas as cidades se podiam tornar belas, e os homens fantásticos, como na carta do irmão.

A verdade é que, lentamente, as cidades foram sendo reconstruídas e os homens tornando-se mais belos, por fora e por dentro.

E a criança levava sempre os sapatos consigo. Sentia que a acompanhavam.

Lavava-os todos os dias, esfregando com a sua vida, e à medida que ia esfregando cada vez mais, o seu cinzento ia lentamente esvanecendo, e ia surgindo, discretamente, um castanho claro aveludado, muito macio.

A beleza nos sapatos ia desabrochando, ao de leve, tal como as rosas no canteiro onde a criança os encontrara pela primeira vez.

Porque o Sapateiro sabia que aquele castanho resistiria a todas as tendências, e nunca seria despropositado acompanhar qualquer conjunto com aqueles sapatos.

